

# Qualidade no Ensino

Horácio Almendra

horacio.almendra@iqe.org.br  
www.iqe.org.br



Colaboração:

Maria Helena Braga / mhelena.braga@iqe.org.br

Maria Sidalina Gouveia / sidalina.gouveia@iqe.org.br

Cristina Luiza Garbuio / cristina.garbuio@iqe.org.br

## O uso da calculadora em sala de aula

**Cristina Luiza Garbuio**

Supervisora Pedagógica de Matemática do IQE – Instituto Qualidade no Ensino

A palavra cálculo vem do latim calculus e significa pedra pequena, uma lembrança de que as pedras foram os primeiros instrumentos que a humanidade utilizou para realizar operações matemáticas simples. Do uso das pedras aos computadores, como os que conhecemos hoje, o homem sempre buscou criar instrumentos que trouxessem algum benefício para o seu

dia a dia.

Nas últimas décadas, por exemplo, a calculadora tornou-se um recurso popular e acessível, usado em praticamente todas as áreas profissionais e presente em objetos tão pequenos quanto relógios e celulares.

De acordo com dados do Ministério da Educação, o Brasil tinha, até o final de 2011, quase 60 mil escolas públicas de ensino fundamental e médio com computadores conectados à internet pelo PBLE -

Programa Banda Larga nas Escolas. São milhões de alunos com acesso à rede mundial de comunicações, um recurso importante para pesquisas nos diversos campos do conhecimento. Pen drive, tablet, iPad, laptop, wireless estão no vocabulário cotidiano da maioria dos jovens. Para se ter pleno domínio sobre toda essa tecnologia, é necessário que a escola contribua com a aquisição de competências que envolvam a utilização desses recursos que

o mundo moderno dispõe, de modo que o aluno possa construir conhecimentos e dinamizar sua vida, tanto social quanto profissionalmente.

Por que, então, a calculadora é vista com desconfiança quando sugerido o seu uso em sala de aula? Quais são os argumentos para que ela seja considerada prejudicial ao aluno, principalmente àquele que está nos anos iniciais do Ensino Fundamental? Uma das justificativas mais comuns é a de asso-

ciar o uso da calculadora a uma acomodação do raciocínio, como se essa ferramenta fosse causadora de uma espécie de preguiça mental.

Ao contrário dessa linha do pensamento, a calculadora provoca avanços significativos nos conhecimentos numéricos do aluno desde que seu uso esteja apoiado em situações de aprendizagem elaboradas especificamente para tal instrumento. Encontrar o resultado de  $89 \times 7$  não deve envolver

o uso de calculadora, que seria apenas um recurso para conferir se a resposta

está correta. Uma pequena modificação na proposta original levará o aluno a uma reflexão sobre propriedades importantes das operações que a calculadora não pode informar: encontre o resultado de  $89 \times 7$  usando a calculadora, mas sem digitar a tecla do número 8. O leitor pode testar as duas propostas e avaliar os conhecimentos mobilizados em cada uma.